O SYNDICALISTA

Redactor responsavel — Victor F. Silva

ANNO VIII — NUMERO 6

Orgam da Federação Operaria do Rio Grande do Sul
(Adherida á Associação Internacional dos Trabalhadores em Berlin)

Porto Alegre, 1º de Janeiro de 1927
SABBADO

O Estado, a Revolução e nós

O homem, propriamente, só se póde chamar livre quando, isento de qualquer pressão estranha, traz dentro de si mesmo o direito e a lei, quando vive de consciente vontade e em leal communhão social com outros homens, que lhe são iguaes e quando, no afan de alcançar a propria harmonia material e espiritual e o proprio retrahimento, tambem aspira á perfeição de todo o genero humano.

Visando esse objectivo anarchista têm os homens de hoje de percorrer ainda uma longa estrada e até a revolução não conseguiu ainda diminuir essa estrada de um só passo.

Um dos maiores [illegible] que [illegible] no caminho da liberdade e [illegible] esperadas é o Estado.

«Lá onde o Estado acaba, é que começa o homem». «O Estado, é assim que se chama o mais frio de todos os monstros», eis como Nietzsche caracterisa o Estado no capitulo em que trata de «Novo Idolo». Elle o chama a morte dos povos.

Na antiguidade e na Idade Média a idéa do Estado ainda era muito indeterminada e frouxa; só nos tempos modernos é que elle se tem tornado cada vez mais rigido e mais firme. Seus adoradores bem quereriam identificar as noções de «Estado» e «Povo», o que, porém, nunca conseguirão.

«Povos» são communhões de estirpe, raça ou lingua, constituidas sem constrangimento e que, ligadas por igualdade de sentimentos, de costumes, de habitos e usos, se entrelaçam e se confundem lá onde se estabelece um contacto entre ellas. Mas os Estados são formações de limites bem accentuados, as quaes, exercendo determida pressão, têm sido, no decorrer da historia, architectadas por meio de aventuras guerreiras, successos alcançados, roubo e outras formas de oppressão.

Os socialistas e anarchistas definem o «Estado» como o instrumento dos despotas economicos, com o qual elles procuram, no interior, abafar todos os impulsos e forças que lhes vão sendo perigosos e, no exterior, se esforçam por alargar e augmentar, cada vez mais, seu poderio.

Nós, porém, consideramos o Estado uma instituição criada para o fim de tornar e conservar as grandes massas de povo em condições de trabalhar e pagar impostos para que os aproveitadores do trabalho, os gozadores de lucros e os proprietarios possam, em paz, se regosijar com sua fortuna adquirida injustamente.

Como, porém, o poder e a ganancia sejam paixões, como o é o gozo do opio e da morphina, em que o viciado reclama doses cada vez maiores e mais fortes, teve o Estado tambem de servir para conquistar o imperio ou mando, o dominio universal para aquelles, que se julgassem os mais fortes e os mais ricos.

E veio a terrivel e orgiatica embriaguez do sangue, produzida pela guerra mundial.

A custa de milhões de victimas os capitalistas se refocillavam, aquem e além das frentes militares, aquem e além do Oceano, em gozos inauditos e juntavam lucro sobre lucro.

Elles levaram muito longe essa loucura e elles a fizeram durar muito tempo.

Uma vez havia, por força de ser feita a paz, uma vez havia, necessariamente, de se dar um fim a essa vertigem de dissolução.

E agora vem o despertar. Nos vencidos elle apparece um pouco antes, nos vencedores um pouco mais tarde.

E' um despertar como o que se segue a uma embriaguez voluptuosamente terrivel promovida pelo opio. Nojo, tédio, vergonha, arrependimento, toda a especie de maus sentimentos se dão caça reciprocamente e a gente reconhece que tudo foi phantasmagoria, mentira e engano.

O numero dos que isso reconhecem é, na verdade, ainda muito pequeno, mas elle cresce de dia a dia.

A grande massa, porém, dos que estão acostumados a entregar a seus chefes a faculdade de pensar, se deixa ainda embalar na crença de que essa guerra mundial, que tudo sacudiu, nada tivesse arrebentado, nada tivesse fendido, na crença de que se achem ainda tão firmes como até aqui todas as columnas da sociedade capitalista, a saber: a columna do poder monetario, a do poder militar e a do Estado!

E' verdade que se tem procurado ainda encobrir e protelar o desmoronamento do poder monetario e economico com todos os meios que foram empregados para disfarçar e protelar a derrota militar; esse é, porém, um empenho tolo e ridiculo, pois a verdade se tornará, sem duvida alguma, patente dentro de pouco tempo. E' bem verdade tambem que ainda ha quem acredite ser possivel ao actual governo allemão apoiar-se e com firmeza na força militar novamente organisada, mas os que assim pensam não se lembram que essa força militar se desmoronou quando se achava muito mais forte e firmemente organisada do que hoje e que aquelles, a quem se insinuou a theoria da obrigação de matar, já se têm, por fim, voltado contra os proprios autores dessa theoria. Resta a ultima columna alta, que ainda dá testemunho de uma pompa já desapparecida, esta, porém, está tambem fendida e pode ruir da noite para o dia. E' a columna do Estado.

Bem sabemos que os Nacionaes, os Democratas, os do Partido do Povo, os Centristas e os democratas sociaes empregam todos os esforços possiveis para collocar de novo sobre as rodas a locomotiva descarrilada e emborcada, mas não o conseguem.

Ella ainda arqueja e bufa, ella até ainda faz girar, sem o menor objectivo, as rodas no ar, mas ella está muito defeituosa para em qualquer epoca, mesmo que se pudesse fazel-a de novo andar e parar, desempenhar suas funcções com regularidade.

Nós os anarchistas só temos interesse na desmantellada machina do Estado no sentido de desejarmos que ella, quanto antes, seja posta de lado para que se possa desembaraçar o caminho que conduz á liberdade.

Isso demorará bastante tempo, pois ha ainda muitas forças que se empenham em restabelecer de um todo essas machinas, além de que existem tambem muitas que a querem melhorar e augmentar. Tambem ha um terceiro grupo, o dos que procuram montar uma machina do Estado inteiramente nova.

Não se pode deixar de mencionar ainda os syndicalistas, que tambem se apercebem do Estado, como sendo uma oppressão, um constrangimento e, afastando-se lhe da orbita, procuram alcançar seu objectivo em outra direcção, para o que o ignoram tanto

quanto possivel.

Como saibamos que o poder politico do Estado nunca deixa de ser a expressão do poder economico, é para nós, assim como o é para os syndicalistas, de mais importancia a luta por esse ultimo.

Nesse sentido muitos erros foram commettidos por parte dos pretensos revolucionarios, digo «pretensos» porque não sei o que elles ten[t]am revolucionado.

Em novembro de 1918 esteve de facto, na Allemanha, na Hungria e em outros paizes, todo o poder economico transitoriamente na mão do povo que trabalha. Mas foi por muito pouco tempo!

Em vez de immediatamente garantirem a posse do segundo desses poderes, fizeram os homens da revolução empenho exclusivo em chamar a si o poder politico.

Mas a burguezia capitalista, mal chegou a verificar a fraqueza vã e por demais avàra de seus antegonistas democratas sociaes e communistas, reconquistou em virtude de seu poder economico, em cuja posse plena se a havia deixa:lo, uma posição politica após a outra ou rebaixou os novos que se acham nessas posições a ponto de fazer delles méros instrumentos.

Outr'ora se fazia simplesmente distincção entre burguezes e socialistas e a linha de separação corria á direita dos democratas sociaes!

Após as experiencias dos annos de guerra e da época revolucionaria, è impossivel continuar a considerar os democratas sociaes da direita como socialistas; quando muito se poderà ainda conter como taes os socialistas independentes. Entretanto, si procurarmos estabelecer distincção entre os adeptos da idéa do Estado e os adversarios da centralização, maior se torna a solidão em que nos achamos; nesse caso estaremos de um lado nós os anarchistas com os syndicalistas como inimigos do Estado e de outro lado estarão os communistas, os maximalistas, e os independentes com os que acompanham as maiorias e com os partidos burguezes.

Sabemos ter a guerra destruido radicalmente muita cousa que tinha a apparencia de eterna solidez e duração.

Tambem os Estados foram por ella solapados. Dá se com estes o que se dá com os ratos no buraco da dispensa; a cosinheira espalhou veneno e elles têm de arrebentar, quer queiram quer não.

Os planos que os sectarios das maiorias haviam formulado com relação ao aperfeiçoamento dos Estados reduziam se ao empenho de criar se uma verdadeira Casa de Correcção, onde tudo quanto produzir-se, consumir-se, beber-se e negociar-se será regulado e dirigido de cima para baixo.

Em seu livro «O homem do Circo», Maye Adelung jà nos mostrou a que consequencias isso pòde levar.

Felizmente, porém, esse calice de amargura passara de relance por nossos labios. Mas com pezar o dizemos, nem os independentes, nem os communistas e nem os maximalistas podem imaginar o socialismo sem centralisação, sem Estado e sem dominio.

Nòs, porém, dizemos: «não ha dominio sem opprimidos; não ha Estado sem violencia, não ha centralisação sem chefes e corruptores.

Livre sò é o homem quando pensa e age com autonomia, quando voluntariamente adhere á communhão e quando é senhor de sua vontade purificada pela educação pessoal. Antigamente falava-se dos democratas sociaes como de elementos inimigos do Estado.

Grande injustiça! Os democratas sociaes de todos os matizes, até mesmo os bolchevistas, não só se apegam, à idéa de Estado como desejam tambem um edificio administrativo tão isento de falhas e abrangendo por tal fòrma todas manifestações de vida — que um salto no espaço, como o aconselha Nietzsch no referido capitulo. «Do novo idolo», não mais seria possivel.

Depositamos confiança optimista na marcha da evolução e esperamos que cada vez maior numero de circulos sociaes venha a reconhecer que a luta pela liberdade precisa ser levada a effeito em combinação com elementos sociaes de força e que seu objectivo não pode ser sinão o socialismo isento da idèa de dominio.

Um outro crime que a burguezia quer commetter

O QUE SÃO ASCASO, DURETTI E JOVER?

Mais um crime, para augmentar o extenso rosario jà existente vem a burguezia da França, de accordo com a da Argentina e da Hespanha, preparando para commetter nas pessoas dos camaradas Ascaso, Duretti e Jover.

Como no caso Sacco e Vanzeti, é este mais um crime que a sanguinaria burguezia tenta levar a effeito para saciar os seus instinctos de féra faminta por sangue humano, é dever de todos os anarchistas erguer seu protesto, mas com energia, para que a canalha do dinheiro saiba que apezar do regimen de terror em que se encontram os anarchistas do Brasil, têm homens que não temem o carracismo e saberão apontar mais este crime dos sicarios de Primo de Rivera. Ascaso, Duretti e Jover, serão lembrados pelos libertarios e apezar do regimen de arroxo em que nos encontramos desde ha mais de quatro annos, sò nos resta meia duzia de companheiros e o resto foi morto no exilio, e deportados outros.

Esses homens de tempera rija, protestando contra o seu martyrio, tornaram extensos os protestos em defeza de todos os anarchistas que como elles soffrem, uns perseguiram sem limites, e outros, a burguezia moderna é mais «camarada», contenta-se em prender e deixar no esquecimento.

Um povo que soffre e agonisa

UM GRITO DE ANGUSTIA DOS COMPANHEIROS DE HESPANHA

Chega as nossas mãos, por escripto e aos nossos ouvidos um grito de angustia por meio dos companheiros de Hespanha, nao só a angustia daquelle povo que soffre a tyrannia do canibal Primo de Rivera, mas de muito povo que soffre.

Publicamos abaixo os manifestos que chegaram as nossas mãos

AO POVO DE HESPANHA

Todas as dictaduras encarnam o poder pessoal embora que impostas arbitrariamente sua razão de ser, está baseada na força. Toda situação creada pela força não racionada não admitte mais logica que a dos mandatarios.

E' possivel povo hespanhol, que uma situação excepcional perdure na consciencia de que tu não tem sympathia?

Racciona, medita e passa revista nos actos do governo da presente situação e verás nelle traduzido o crime e o banditismo. Se invoca teu nome e te supplanta, dizem que te regeneram economicamente, e te condemnam systematicamente à fome.

E' um vil commercio que em teu nome se faz. E' a obra de toda a dictadura, já que falamos na dictadura. Vamos pôr de relevo nossas ultimas informações dando a noticia de que no fim da semana passada estiveram aquartelladas todas as forças de infantaria os motivos quaes foram?

Não é somente isto o que tambem tem importancia, é que ha

tempos se encontram em aguas deste paiz dois barcos de guerra italianos «Pisa» e «Francisco Ferrucho» actualmente ancorados neste porto.

Estes mesmos barcos estiveram em Santander varios dias, quando estiveram os imbecis do Directorio por certo que bom acompanhamento levaram: os pistoleiros de confiança que elles tem e que para toda a parte lhes dão escolta, os mesmos pistoleiros que em Paris ajudavam a policia republicana a deter e perseguir aos emigrados anarchistas e syndicalistas; e estes mesmos pistoleiros são os que se encontram em Barcellona e que gritam viva o rei viva Primo de Rivera e viva o Fascismo.

Como dissemos dos barcos de guerra italianos, muito se perguntou e indagou para que se achavam ali.

Muito facil a explicação, facil ima Estes barcos foram por Mussolini enviados a serviço de seus comparsas para zelarem pela sua vida «porque — dizia Mussolini em uma mensagem dirigida ao novo Joarez e a Hyena, seria de lamentar que se tivesse de ver (como se verá dizemos nós) em uma prisão esperando a sentença de um povo ignorante homens dignos(?) e tão necessarios».

Textual, esses barcos, esses mesmos barcos que se encontram no porto acompanhados de aeroplanos, estão e estiveram em Santander para fazer-se ao mar levando como passageiros a Hyena sanguinaria e o tuberculoso Affonso XIII.

A razão que estes barcos se encontram no porto, é que por estes dias o Directorio vem a Barcellona e se houver necessidade de fugirem o farão nos mesmos.

Depois diga o cassique dos canibaes que tem confiança no Exercito e na Armada! Demonstrado e bem demonstrado está que não, porque confiança não tem em si proprio, pois seu estado normal é bebado. Breve comerá palha em um cemiterio. Monstro, lhe dizemos monstro como governo e tudo já que breve nos falará da Philosophia dos tumulos e do aromatico esterco; depois do acto da inauguração das aulas nas Universidades Hespanholas.

Em suas aulas, a cuja frente devem achar-se os homens mais eminentes no saber e na virtude, terá o fim de formar os entendimentos e as vontades que deverão preparar a funda e radical transformação impostas pelos conceitos da razão e da liberdade para as sociedades modernas. E' dellas que ha de sahir a conseção clara, a formula preciosa do novo universo social; e dessas mesmas Universidade de donde recebemos o maior dos desenganos. E a Universidade de Salamanca a que cai em descredito em todo o mundo.

E' a Universidade de Unamuna a que se deixa enganar pelos usurpadores da liberdade e direitos dos cidadães, devia ter-se levantado uma campanha geral em todas as Universidades da Hespanha, contra a concessão do mais alto titulo universitario a um burro tão grande como Primo de Rivera, que inclusive teve que copiar a metade do discurso de outro, pronunciado pelo dictador de Cuba, general Machado.

Um homem nas condições do dictador, não póde sustentar sem menoscabro da Sciencia e Arte, um titulo de doutor „honori cousa".

Um homem que faz encerrar, deportar e desterrar só por professar ideas liberaes e humanas, um homem que foi muitas vezes recolhido dos Casinos de Madrid, bebado e perdido; um homem que trafica ou traficava com a cocaina — recorda-se o caso da „Cocba" — só merece que lhe dem o titulo de... põem aqui tu mesmo leitor, o qualificativo mais baixo que se póde dar a um homem.

O GRUPO PRO-ACÇÃO

Barcellona 10-926.

União anarchista hespanhola

— AO POVO —

Em palpitante realidade e neste malfadado paiz, nenhum factor falta dos que, tanto aqui como em outras partes tem provocado historicas revoluções. Oppressão, miseria, depauperação, mortandade, desoccupação, guerra' injustiças, etc., etc. Toda a nação se acha completamente sumida por todas as pressões e algemas das injustiças sociaes. Apezar da imprensa conservadora ter liberdade, o resto está sujeito a censura e ao castigo, e muito grande o mal, que luz e trasluz ao exterior.

Os periodicos revolucionarios e anarchistas, foram varias vezes empastellados e por fim suspensos. Não se permitte a propaganda, e menos, se tolera a critica. E é que todo o paiz se encontra completamente amordaçado, tanto, que se persegue até as publicações de guerra. A repressão é tanta, que faz muito tempo que se vareja e cerram os centros instructivos e syndicaes, se invade os domicilios dos operarios rebeldes e anarchistas, se prendem e se despojam de todos os livros e revistas. Desta forma privam nosso campo deste precoso caudal, no qual o que sabe, ensina o que não sabe, e portanto, quem fala quando quer, injuria a todos e não deixa repplicar, este que convertido em tyranno pretende fazer crer que fez um paraiso terrestre.

Contra este regimen inquisitorial não devem faltar os protestos dos anarchistas, para o que se empregará todos os meios, e se chegará aos ultimos extremos, até que o povo soberano, sacudindo seu jugo, levante-se severamente, e acabe com tanta injustiça em sua acção revolucionaria.

Quando nada está seguro; e o terror em todas as partes, quando se arma a burguezia, e se detem os operarios, sem dizer-se porque e sem culpa formada, ao capricho da policia e sujeitos a pessima comida e aos maos tratos dos carcereiros, quando se trama processos nos prezidios, se encarcera a innocentes, se arranca confissões pelos tormentos e se conserva encarcerado em occasiões que por carecer de provas, lá ficam esperando, se persegue por todo o mundo os que saem desta nação convertidos num grande carcel e se prende os proscriptos no extrangeiro; quando os presidiarios, condemnados não pela justiça mas pelo odio, se maltrata, tortura e exhota horrivelmente nessas cidades presidiarias que são verdadeiras escolas de crime e de morte, faz falta que a actividade anarchista se redobre, multiplican-se em viris actos afirmativos, emfrentando-se a infamia dictadorial uma barricada de feitos, até que vae as tumultuosas turbas pelas ruas em agitação, pela liberdade de todos os presos, já que por covardia não se arrancou das mãos do verdugo os martyres immolados em Barcellona e Pamplona, evitemos que a féra insaciavel se encerre dentro de pouco, nos que em Vera do Ridazoa prendem fogo na tocha percursora da revolta que fará ruir a dictadura e o previlegio.

A plutocracia Yanke não se fartou em Chicago. Um novo crime pretende levar a effeito essa democratica republica que levantou as mais monumentaes estatuas da liberdade.

Dois filhos do povo e do trabalgo foram sentenciados em 14 de Julho de 1921, a morrer na cadeira electrica, por professarem idéas anarchistas e denunciarem com altivez deante do povo, os muitos crimes da feroz burguezia.

Ao saber-se a negativa de revisão do processo de Sacco e Vanzeti e o grito doloroso dos companheiros de Boston „Tutto e perduto" o mundo revolucionario logo contestou com um Ainda não! Uma vez mais a solidarledade universal dos anarchistas é posta a prova, e para triumphar com ella não basta a solidariedade moral de todos os

que reppellem o crime juridico, é preciso traduzir em acção para que Sacco e Vanzeti não sejam em 1°. de Novembro, carbonisados na cadeira fatal. Por Sacco e Vanzeti. Pela mulher e os filhos de Sacco. Custe o que custar, duas vidas caras e firmes, vidas militantes da anarchia e da revolução, devem ser salvas, e serão salvas, porque de todas as fronteiras tem se erguido em uma só commoção angustiosa o proletariado mundial.

Não queremos nem o presente nem o passado regimen; nem a exploração capitalista, nem o dominio do Estado. Queremos, com a transformação da Sociedade, a liberdade e a felicidade igual para todos. A União Anarchista Portugueza, ante a dictadura extendida e instaurada no paiz irmão, teve de chamar o povo as armas. Com o povo portuguez, vamos a revolta com as armas na mão. Pela liberdade, a barricada. Com todos os protestos e dictadura, a Revolução Social.

Com o que se ler nos manifestos acima logo se pode avaliar o soffrimento dos povos em diversos lugares, mas do Brasil pouco se sabe lá por esses mundos, e se soubesse, na longa lista das dictaduras, figuraria mais este povo que agoniza ha mais de quatro annos no jugo ferreo da medida politica que se chama sitio. Medida esta que os governantes do Brasil fazem uso quando o povo cansado se levanta contra o barbarismo.

Vida social

Se diz: „Cada nação tem o governo que merece." O Brasil agora tem um novo governo, para o povo porém muito se alterou sem de melhorar-se. O estado de sitio não foi suspenso. Os prisioneiros politicos não processados foram postos em „liberdade", isto é, gente que durante 2 annos e sem que fosse processada se achava no exilio. Se entre os retransportados se acham tambem alguns de nossos amigos, até agora não consta, mas parece que todos pereceram na miseria. A revolta militar chefiada por Prestes ainda não foi supprimida. No ultimo tempo outra vez se revoltaram umas centenas de soldados. A situação economica dos operarios tambem deixa a desejar, os preços de todos os productos augmentam consideravelmente em consequencia da desvalorisação do dinheiro. Por isso os operarios são obrigados de augmentar seus vencimentos, que é muito difficel com a falta de trabalho e a indolencia incrivel dos proletarios.

— Nas pedreiras da firma Dr. Daehne & Cia. que executa presentemente grandes obras em Porto Alegre para a cidade, esta experimentou de organisar o systema do trabalho em accordo, mas, devido a todos estes operarios serem membros de seu syndicato, a firma em questão não conseguiu realiser os seus projectos.

— O syndicato dos padeiros apoiado pela F. O. I. lucta desde ha muito tempo intensivamente para obter um dia livre na semana. Esta lucta alcançou successo, e assim não se recebe pão fresco ás segundas-feiras.

— A fabrica metallurgica Lewis & Dexheimer ha tempos tentou supprimir o dia de trabalho das 8 horas; mas alguns operarios daquella fabrica avisaram o F. A. Uma conferencia dos operarios, na qual tomaram parte quasi a metade dos operarios, resolveu-se defender as 8 horas de trabalho. No dia seguinte não se trabalhou e uma commissão da F. O. conseguiu que a firma garantisse o dia de 8 horas. Quanto ás outras preteuções negociou uma commissão dos „antigos operarios". Quasi todos os operarios voltaram ao trabalho, vendo-e depois vendidos pela segunda commissão. Mas em vez de deixar unanimemente o trabalho, elles manifestaram a covardia de subjugar-se a esta fraude. Agora vem um a um queixando-se dum máo ordenado e dum tratamento ainda peior. Muito bem feito! quem se comporta como cão, tem tambem que accetar pontapés. Provae que sois homens, organisae-vos, ligae-vos ao vosso syndicato e o antigo socialista Rommel vos respeitará de novo.

ISEGRIMM.

Errata

No Balancete do „O Syndicalista" que publicamos no numero passado deve ler-se: F. O. P Alegre 200$, Uruguayana 17$, e não 20 e 13$

Ou salvamos a Sacco e Vanzetti ou devemos morrer com elles

Anarchistas vamos a frente!

Como já ha muito, sabem os operarios e demais homens de bom senso, fazem mais de 7 annos que 2 companheiros, Nicolau Sacco e Bartholomeu Vanzetti, estão debaixo do jugo infame dos assassinos na terra do dollar.

Sacco e Vanzetti foram condemnados á morte e o operariado de todo o mundo protestou com energia e os assassinos tremeram e recuaram, passado algum tempo voltaram a carga e foram derrotados moralmente pela solidariedade dos anarchistas, que tomaram logo providencias para que os canibaes não ceifassem o sangue daquelles innocentes, e agora tornaram a voltar dispostos a lavarem as mãos manchadas com a nodoa dos crimes de Chicago

Anarchistas! libertarios! chegou a hora de vida ou de morte! Não vacileis! Não deixamos nos roubar duas vidas preciosas! Devemos nos oppor a esse crime dos bandidos de Chicago. Para a frente, companheiros! arranquemos nossos companheiros Sacco e Vanzetti dos calabouços das bastilhas americanas.

O fascismo e a policia

A Federação Operaria realisou um comicio publico na Praça da Alfandega, domingo 28 de novembro, no qual fizeram uso da palavra va. os camaradas, discorrendo sobre os barbaros crimes praticados na Italia hoje facista e ao commando do ex social-democrata B. Mussolini actual soberano naquellas terras onde se commette incalculaveis injustiças.

As autoridades policiaes P. Alegrenses acharam que sua atitude tinha que ser energica ante os homens libertarios, e em consequencia do irrazoavel facismo, intimaram com intuito, naturalmente de amedrontarem os trabalhadores, que lançaram o seu protesto contra as idêas dictadores dos novos Cesares. Não, senhores representantes da autocracia, nada poderá amedrontar as idéas da liberdade, e justiça, nem intimações e nem a prisão de nosso camarada Grecco nos intimidarão pois, quanto mais perseguir a justiça, mais alto levantaremos o pendão das reivindicações humanas.

CONVITE

A Federação Operaria Local, convida aos trabalhadores em geral, e os companheiros que estão afastados dos movimentos, para virem á conferencia que levará á effeito os companheiros que voltam do certam proletario do dia 9

A conferencia terá lugar no dia 16 do corrente ás 8 1/2 da manhã na séde do Syndicato dos Canteiros, Casimiro de Abreu 645, esquina Mariante.